

ÍNDICE

I.INTRODUÇÃO	4
CAPÍTULO I - A VELHA MAMBONE NA HISTÓRIA	5
1.1 Local provável da Velha Mambone	5
1.2 Acampamento de Mulingali.....	6
1.3. Locais míticos	7
1.4 Cemitério muçulmano.....	10
1.5 Cemitérios dos ndau.....	11
1.6 Antigas autoridades tradicionais de Mambone	21
1.6.1 Régulo Jenga	29
1.7 Construções típicas de Mambone	Erro! Marcador não definido.
1.8 Gastronomia.....	25
1.9 Expressões culturais.....	Erro! Marcador não definido.
CAPÍTULO II - MAMBONE	Erro! Marcador não definido.
2.1 Situação geográfica da região	9
2.2 Economia da região de Mambone	25
2.3 Surgimento dos primeiros habitantes.....	Erro! Marcador não definido.
2.4 Língua dos habitantes de Mambone	Erro! Marcador não definido.
2.5 A tradição de Mambone, mitos e crenças	20
2.6 Medicina Tradicional	21
2.7 Mambone e a religião	26
CAPÍTULO III - VELHA-MAMBONE PARA NOVA-MAMBONE.....	7
3.1 Vestígios da região de Velha Mambone	Erro! Marcador não definido.
3.1.1 Matasse, antigo ancoradouro local.....	12
3.2 Nova-Mambone	Erro! Marcador não definido.
4. Figuras políticas que dirigiram o distrito antes da independência.	30
4.1 Administradores que dirigiram o distrito depois da Independência Nacional.....	31
5. CONCLUSÃO.....	32

PREFÁCIO

Caro cidadão

Manifestamos o nosso prazer em colocarmos nas suas mãos esta Brochura que contém narrativas sobre a identidade da população de Mambone e generalidades afins sobre a história da região, desde os tempos mais remotos até à nossa contemporaneidade.

O presente instrumento foi fruto da contribuição de muitos intervenientes, desde a etapa de recolha de informações nas comunidades, junto das personalidades influentes, a descrição dos factos nos locais considerados objectos de estudo, até à esta fase em que nos encontramos.

Os depoimentos registrados nesta Brochura não pretendem constituir receita rígida a ser seguida mas sim, como em qualquer tipo de investigação, requer-se nela uma consolidação, partindo desta contextualização.

Somos todos convidados a colaborar na investigação para a reconstituição da história de um povo de almejada identidade sociocultural, a população de Govuro, sobretudo da região de Mambone.

Todos pela nossa identidade.

A ADMINISTRADORA DO DISTRITO

dr. Maria do Céu B. S. Cumbana

AGRADECIMENTOS

Antes de reflectirmos no propósito do nosso trabalho, desejamos manifestar o nosso reconhecimento aos diferentes intervenientes que pela sua amabilidade e idoneidade, pacientemente satisfizeram a nossa pretensão, com destaque às autoridades comunitárias, as lideranças tradicionais, as personalidades influentes, pelo auxílio que nos proporcionaram na recolha de depoimentos para a reconstituição deste instrumento.

Igualmente, não desejamos omitir e subestimar o apoio de todos que directa ou indirectamente tornaram a nossa iniciativa, uma realidade.

A todos, o nosso muito obrigado.

A equipe da redacção.

SUMÁRIO

Antigos escritores portugueses dos séculos XVII e XVIII, citam ruínas e inscrições em Mambone. Outros mais, nacionais e estrangeiros, incluindo alguns mapas dessas épocas, também fazem ligeiras referências a esta actualmente desaparecida povoação e ao seu território. Em seu tempo, é de crer que Mambone tivesse um relativo esplendor.

Pode-se supor que na época de exploração do ouro, ou do grande comércio do marfim e escravos, fosse uma das passagens para as minas do Mwenemutapa, e bem assim para o grande Zimbabwe, como caminho relativamente curto, e ao mesmo tempo abastecido de água, ao longo do Save. A tradição e depoimentos de personalidades influentes também ajudam a esclarecer algumas dúvidas a este respeito.

Com o tempo, tudo isto passou. A primitiva região de Mambone desapareceu completamente, arrastada pela corrosão fluvial, existindo apenas nas suas imediações, vestígios para sua fundamentação.

Entre os escritores antigos que se lhe refere conta-se o notável Piloto Árabe de Vasco da Gama, Ahmad Ibn-Madjid. Há assim conveniência em correlacionar as localidades da região agora em estudo com os topónimos ou vestígios que ele menciona no seu poema, ***O Roteiro de Sofala*** alguns dos quais perderam o seu significado e são de identificação duvidosa.

A reconstituição da história de Mambone encontra a sua génese em alguns aspectos que se resumem em três capítulos seguintes: A VELHA MAMBONE NA HISTÓRIA, A REGIÃO DE MAMBONE, e MAMBONE E SUA TRADIÇÃO.

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento das gerações é acompanhado por factores sociais, económicos, culturais e políticos que caracterizam de um modo geral, as vivências da humanidade, faculdades que nos permitem reconhecer a identidade de um povo numa comunidade linguística. Dentre outras motivações que prenderam a nossa curiosidade no estudo da génese sobre a região de Mambone, tivemos como foco, **a tradição** e **a mitologia** locais, aspectos que quando carecem melhor explicação sobre determinadas realidades pode-se desvalorizar a identidade de um povo e a sua história. Foi pois, neste contexto que procurou-se à risca, resgatar a realidade dos factos sobre a região, na tentativa de se reconstituir a real história de Mambone, com auxílio de algumas fontes dos escritores antigos dos séculos XVII e XVIII, ruínas e inscrições, incluindo alguns registos conservados por algumas personalidades influentes naturais de Mambone.

Além da tradição e mitologia locais que tanto ajudaram a esclarecer algumas dúvidas sobre determinados aspectos da região em estudo, também, dentre os escritores antigos que se referem, contou-se com o notável piloto árabe de Vasco da Gama, *Ahmade Ibn-Madjid*, cujos depoimentos por ele registrados correlacionam os factos colhidos em Mambone com os topónimos que ele menciona no seu poema, “O Roteio de Sofala”, alguns dos quais com o curso do tempo perderam o seu significado histórico, pois a região desapareceu completamente, arrastada pela erosão fluvial.

Para conciliarmos esta informação, tivemos uma breve incursão aos locais históricos, juntos das fontes orais onde tivemos oportunidade de fazer uma descrição do historial a respeito do surgimento dos mesmos, incluindo as primitivas comunidades neles habitadas, sua cultura e actividades económicas, o que de certa forma e pela inferência dos factos, nos conferiu de maneira *credível*, a existência, desde os tempos remotos, da região de Mambone, bem como vivências das primitivas comunidades.

Na sua estrutura, o presente historial é corporizado por três capítulos, nomeadamente: A VELHA MAMBONE NA HISTÓRIA, A REGIÃO DE MAMBONE e MAMBONE E SUA TRADIÇÃO, que no seu todo relatam como sobre qualquer comunidade linguística, vivências de um grupo étnico, cujos hábitos e costumes determinam a sua identidade.

CAPÍTULO I - A VELHA MAMBONE NA HISTÓRIA

O termo Mambone, derivado de “Mambo”, o que quer dizer, em língua local, chefe ou local onde vive o chefe; segundo as nossas fontes, deram-nos a conhecer que teria vivido nesta região um grande potentado (poderoso), o rei de Sedanda, ou um seu subordinado, mencionados em alguns escritos e mapas daquele tempo.

Mambone, foi bastante conhecida na proto-história (fase de transição entre a pré-história e a história) africana, nos tempos do Monomotapa, como porto de penetração para o interior deste continente. Como se observa nos mapas actuais, que do Índico para o Zimbabwe, um dos itinerários preferidos nos tempos era ao longo do Save, partindo daquele porto, não só por ser bastante directo, mas também não tinha subidas, como ainda pela abundância de água, mesmo na estação seca, circunstâncias a ter em conta nestas grandes travessias.

A Velha Mambone pela sua condição de porto comercial na altura, convergiam as caravanas com produtos da terra, como marfim, pontas de rinocerontes, muito procuradas pelos povos orientais como afro-asiáticos, madeiras ricas, por exemplo, pau-preto, cera, minérios e metais, como ouro, cobre, etc...e também escravos; a troca, sobretudo de panos, armas simples e bugigangas, objectos que o tempo nada ou muito pouco, deixou ficar, para testar a sua proveniência.

1.1. Local provável da Velha Mambone

Não se percebe que haja actualmente qualquer sítio nas proximidades da foz do Save, onde pudesse existir uma antiga povoação, tanto mais que, como assim consta de informações dos séculos XVII e XVIII, principalmente nos mapas, ela deveria ter deixado ruínas de qualquer natureza, talvez importantes, se dermos crédito aos escritores e cartógrafos destas épocas. Temos, pois forçosamente, que aceitar que essa antiga povoação desapareceu em época ignorada, a exemplo de muitas outras da região que constituem casos análogos, por arrastamento pelas águas dos terrenos marginais em que assentavam, o que parece não ser de difícil explicação, em vista da sua natureza aluvial de formação deltáica, onde domina o regime divagante das águas correntes.

Além disso, deve-se notar que o Save é um rio de regime pouco vulgar entre outras razões, por ser as suas aluviões bastante siliciosas. Sucede com isto dar-se uma forte corrosão marginal por todo o seu vale até à foz, com várzeas (planícies) relativamente estreitas em relação ao seu leito, e este relativamente largo em relação às águas que transporta em regime normal, e simultaneamente, uma ausência notável de solos fortemente argilosos, de maior

coesão, que definem as perfeitas lezírias (margens) deltaicas, como aparecem no troço final em quase todos os rios de planície, no presente caso com um delta mal esboçado.

Neste condicionalismo de fácil corrosão fluvial e das margens, se fundamenta a hipótese apresentada que justifica a ausência de vestígios da antiga e desaparecida povoação de Velha Mambone, que supomos ter sido edificada logo a montante da actual baía do Muceve. Pelo que se observa hoje, tanto no campo como nos mapas, nota-se entre Matasse e a ilha Nhamandjeve, e a grande distância no meio do rio, uma série de ilhotas arenosas, a maior das quais, a de montante, chamada Malera, em vias de desaparecimento, e também uma linha de vegetação que ainda hoje subsiste, em parte de caniço. Foi por aqui, entre esta linha de vegetação e a margem direita do Save, ou, mais propriamente do seu braço, o Muceve, é por onde hoje correm as águas, ou ainda nas margens da ilha Nhamandjeve, que deveria estar, como assim julgamos, a primitiva Mambone, o que é comprovado pela tradição local.



Fig.1: Região da Velha Mambone

1.2. Velha-Mambone para Nova-Mambone

Antes do desembarque dos portugueses a esta costa, já existiam lendas entre os mouros que falavam e retratavam um pouco sobre Mambone que já existia desde os primórdios e frequentado por vários povos, sobretudo de origem asiática com intuítos comerciais, nos mouros vislumbravam marcas que falavam da Rainha Sabá, a qual deu origem ao actual rio Save, já com a presença portuguesa.

A presença portuguesa nos meados do século XVIII, registou-se no momento em que a primitiva Mambone, encontrava-se em fase de desaparecimento devido à aproximação das águas do mar ao continente. Nesse processo de migração da população da primitiva Mambone para o interior, os portugueses denominaram as duas regiões de Velha e Nova-Mambone, a qual esta última é habitada até aos nossos dias, embora também com riscos meramente evidentes do seu futuro desaparecimento devido à erosão significativa das margens do Save.

1.3. A Ilha de Nhamanjdeve

A Ilha de Nhamandjeve, foi outrora ocupada e cultivada, mas em qualquer tempo foi abandonada, como assim consta por causa dos macacos que destruíam as machambas. A população desta, foi se afixar em Matasse, antigo ancoradouro (embarcadouro) que ficava a 2 km a jusante (vazante) da Nova- Mambone, que servia de ancoradouro aos barcos de pesca e de pequena cabotagem que vinham de Sofala. Principiou a ser usado, sobretudo pelo que apuramos, quando a companhia de Búzi instalou para montante, em Mahave, uma grande açucareira que mais tarde ficou abandonada. Face ao seu desaparecimento, não tivemos esclarecimentos possíveis, pois que nem há edifícios, nem ruínas nas suas proximidades.



Fig 2: A Ilha Nhamandjeve e a linha de água que atravessa a região

CAPÍTULO II – REGIÃO DE MAMBONE

2.1 Situação geográfica da região

Mambone localiza-se a norte do Distrito de Govuro, fazendo fronteira com o distrito vizinho de Machanga através do rio Save e um pouco encostada à linha de água, uma região banhada pelo Índico a Este, que se estende desde o Bartolomeu Dias até à zona de Macau (foz do rio Save, que nasce das terras do alto Zimbabwe e que faz limite com o distrito vizinho de Machanga a Norte), esta região costeira, é potencialmente rica em biodiversidade e ecossistemas marinhos, fluviais, florestais, faunísticos entre outros.

Numa longa incursão pela região, tivemos oportunidades de visitar vários locais supostos pertencer uma parte da velha Mambone e ultimamente sem muita história, pois não há lápides que demonstrem a realidade dos factos, nem alguém capaz de reconstituir algo de histórico relacionado sobre a região na época. Porém, testemunhamos na região mais para o interior a jusante ao mar (**Chilique**), a existência de uma pedra *sagrada* que até hoje se desconhece a sua proveniência e suspeita-se ser algo misterioso, com o nome de **VELHA MAMBONE**, provavelmente escrito pelos portugueses aquando da sua chegada na região. Facto curioso é que para a localização do local, não planificamos, segundo a tradição local, pois caso contrário não seria possível se chegar lá, sob pena de a gente se perder. Igualmente é proibido extrair fotografias no local.

Visitamos ainda acampamentos de pescadores em Ngoddje, Muceve, Muringari, Chitaque, Nhamussanga, Chinhumbo, Gotchi e Mbende, onde interagimos com grupo de pescadores sobre actividade pesqueira, seu rendimento em relação ao passado e sobre a origem dos nomes dos locais acima descritos, e que segundo eles, os nomes surgiram dos primeiros pescadores que ali se afixaram na antiguidade.

Por outro lado, segundo algumas fontes, o nome Mambone provém de *mboni* uma fruta silvestre que os nativos usavam para lobolo.



Fig 3: Região de Mambone com a espécie da fruteira mboni

2.1.1. Mambone, a partir do Roteiro de Sofala do Piloto Ahmad Ibn-Madjid

A região de Mambone fica compreendida no Roteiro de Sofala do piloto árabe Ahmad Ibn-Madjid, descrito no poema *Três Roteiro Desconhecidos*.

Este piloto foi notável, não apenas por ter conduzido a armada de Vasco da Gama de Melinde a Calicut, como ainda pelos seus vastos conhecimentos da navegação astronómica, conforme diferentes obras que deixou sobre estes problemas.

Descreve este roteiro, pouco depois da passagem de Vasco da Gama a caminho da Índia, com bastantes pormenores, contudo com vários topónimos de identificação duvidosa. Interessa-nos particularmente a costa de Sofala para Sul onde fica Mambone. Não menciona esta povoação, mas é possível que se refira à baía de Muceve. Como base para identificação geográfica dos portos e ilhas aqui mencionados, temos de ir buscar as coordenadas árabes, referidas a dedos ou *isba* a Sofala. Segundo Ibn-Madjid a sua latitude é de seis dedos. Conhecemos também as coordenadas deste antigo porto, segundo deixou referido o comandante Augusto Castilho, num reconhecimento que fez a bordo da canhoneira Rio Lima, em 1885, quando essa ilha e a sua fortaleza ainda existiam. A latitude encontrada foi de 20 graus, 14 minutos, 16 segundos que arredondamos em 20 graus e 15 minutos.

Por especial amabilidade do senhor Dr Luis Mendonça Albuquerque, professor da Universidade de Coimbra do Agrupamento da Cartografia Antiga com os elementos que nos forneceu, organizamos o quadro junto sobre a conversão das latitudes árabes nas convencionais, com respeito aos topónimos em estudo.

2.2. Vestígios da região de Mambone

Ao investigarmos a região para conhecermos o provável sítio das ruínas e das inscrições, apuramos haver aí os seguintes locais, que a este respeito merecem ser mencionados:

-) Nova-Mambone;
-) Actual ancoradouro;
-) Cemitério muçulmano;
-) Matasse, antigo ancoradouro; e
-) Acampamento de Muringari.

2.2.1. Nova-Mambone

Oficialmente assim chamada, é a actual sede da circunscção de Govuro, fundada pela magistática Companhia de Moçambique, isto é, de 1891 para cá, na margem direita do Save, mais um pouco afastada da linha de água, talvez por temerem a forte corrosão fluvial pela

corrente e margem deste rio. A sede da circunscrição de Govuro, nesta região de Mambone, ou simplesmente Nova-Mambone neste caso, foi oficialmente elevada à categoria de Vila, aos 22 dias de Dezembro de 1948.

Actualmente, esta região (Nova-Mambone) está mais próxima da linha de água devido ao efeito da corrosão das margens do rio Save, influenciada pelas calamidades naturais que têm ameaçado a mesma região nos últimos tempos.



Fig. 4: Efeitos da corrosão das margens do rio Save

2.2.2. Actual ancoradouro

Fica a menos de dois quilómetros a jusante da Nova-Mambone e serve actualmente de ancoradouro aos barcos de pesca e de pequena cabotagem que vem de Sofala e da Beira. Principiou a ser utilizado, sobretudo, pelo que se apurou, quando a companhia colonial do Búzi instalou para montante, em Mahave, uma grande açucareira que mais tarde ficou abandonada. Também não tem história que mereça ser descrita, pois que nem há edifícios, ou ruínas nas suas proximidades.

2.2.3. Cemitério muçulmano

Fica situado entre os dois locais acabados de se referir (Sekessela e Lumula). De acordo com as fontes, havia naquele local cinco sepulturas mais amplas e de aspecto mais antigas que as restantes, cujas lápides tinham a saudação, a Alá por extenso, e não apenas com a indicação do número deste versículo do Alcorão (786), como as outras mais modernas assim principiam.

Contudo, pelo que se apurou, tais lápides eram recentes, dos princípios do século actual, não nos dando assim, qualquer indicação aproveitável para os objectivos em lista. As lápides

tinham duas datas, a árabe e a da era cristã, entre 1325 e 1906, que têm concordância temporal, pelo que não deixam dúvidas a respeito das suas idades.

E também consta que, no tempo do régulo Chipembere, se fixou no lugar onde estava o cemitério maometano, o qual hoje desapareceu devido à corrosão das margens do rio Save, um comerciante indiano, a quem vendiam cera, borracha, marfim e gergelim, comprando nele missangas, roupas, enxadas e catanas.

De acordo com os inquéritos, julgamos que no princípio do século XVIII, ainda deveria existir a primitiva Mambone, mas talvez já em decadência ou até em via de completo desaparecimento, visto o lugar do cemitério, nas proximidades do ex ancoradouro, ter sido depois preferido para estabelecimento das casas comerciais. Isto sucedeu no tempo de Ngungunhane e na contemporânea do Chipembere, pelo que é de supor que o desaparecimento definitivo da Velha Mambone ocorreu nos meados do século XVIII, tal como se referenciou anteriormente.

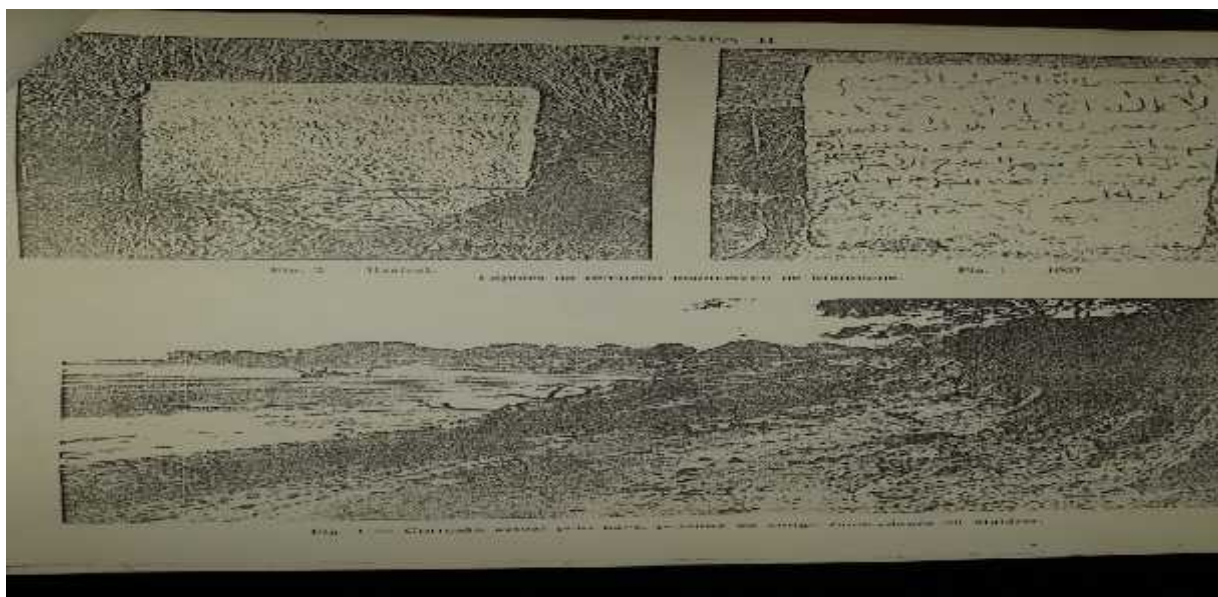


Fig. 5: *Lápides do cemitério maometano de Mambone e a corrosão actual pelo Save, próximo do antigo fundeadouro ou Matasse.*

2.2.4. Matasse, antigo ancoradouro

Dizem, conforme a tradição bastante generalizada na região, que existiu aqui um antigo ancoradouro, cujas margens tem vindo a ser destruídas pela forte corrosão fluvial do Save e das marés, ainda hoje muito activa, a que já aludimos.

Parece-nos provável que fosse nas proximidades deste sítio, que se estabeleceram os antigos habitantes da Velha Mambone, a medida que a corrosão lhes ia roubando o terreno. Ainda hoje é a este local que os nativos chamam Mambone e não aonde está a sede da circunscrição,

o que é bastante significativo. Contudo, a divergência de opiniões, em relação a vários pormenores desta localização é grande. Não existindo muita matéria ou histórias que mereçam descrição, uma vez que nem há edifícios ou ruínas nas suas proximidades. Na nossa breve incursão naquela região costeira, apenas constatamos que maior parte dos habitantes são pescadores e desenvolvem a actividade como base de sobrevivência.

É possível também que, depois de destruída a Velha Mambone, em sua substituição, conforme se vê em alguns mapas antigos, existisse por estes sítios, um povoado denominado *Tambe*, de localização pouco precisa, e talvez também levado pelas águas, nome hoje completamente esquecido na região. O braço do Save entre o continente e a ilha Nhamandjeve que lhe fica a Noroeste é chamado Muceve, e mais para a foz está a baía deste nome, que parece ser bom porto de abrigo.



Fig. 6: Corrosão fluvial do Rio Save

2.2.5. Acampamento de Muringari

Muringari é uma pequena baía do delta do Save, a Sul da foz deste rio, em ligação directa com o mar. Não mencionáramos este local habitado relativamente há pouco tempo, ou transitoriamente por pescadores, e hoje desabitado, se não fosse a circunstância de alguns nativos, talvez por conveniência da política do regulado, que dizem ter sido neste local, a primitiva Mambone. Parece-nos mais provável por melhores condições para porto fluvial, e sobretudo, por ser opinião generalizada, e também por assim se depreender dos mapas antigos, que fosse ao largo de Matasse, nas corroídas margens do Save, que existiu o acampamento de Murinari, como um dos vestígios de Mambone.

É facto que, no tempo do Manicusse, como veremos, um chefe de terras, que deu origem ao actual regulado de Matique, chamado Mangadje, se tinha aí refugiado, em terreno de matagal e de muito difícil acesso, para fugir das perseguições que aquele potentado lhe movia. Vestígios, porém, de povoação, como poderia ser um antigo porto do mar, não os vimos; apenas os de uma simples palhota ao estilo regional. Esta ocupação é, posterior à existência da primitiva Mambone, o que está de acordo com as fontes históricas, adiante mencionadas.



Fig.7: Zona de antigo acampamento de Muringari

CAPÍTULO III - MAMBONE E SUA TRADIÇÃO

3.1. Mitos e crenças

Desde os primórdios, Mambone foi considerada uma região detentora de hábitos tradicionais, que vêm merecendo muitos comentários até aos dias de hoje e segundo algumas fontes, foi possível perceber que os mitos e crenças usados por antepassados, visavam mainar as comunidades e consciencializá-las sobre a importância da preservação da tradição e respeito no seio da sociedade.

A falta de observância dos hábitos e costumes locais e os efeitos resultantes fizeram com que Mambone fosse considerada «**origem da feitiçaria**», situações mais frequentes aconteciam com os forasteiros, quando chegassem a Mambone, não observavam regras tradicionais que a região acreditava, pelo que muitos desapareciam e até morriam. Segundo as nossas fontes, o conceito de Feitiça, é um acto mágico que as comunidades usam para fins tradicionais, manifestando-se de forma espiritual e sob encarnação dos magos, os quais definem o que se precisa e fazer acontecer, à pretensão do necessitado ou ofendido.



Fig. 9: *Uma cerimónia de preparação para legitimação de curandeiro*

3.2. Locais míticos

Os locais míticos ou *sagrados* são localizados nas matas e ou cemitérios antigos que pouco sabemos das razões da sua consagração desde os tempos remotos, senão do seu legado histórico na cultura local, que é manter o respeito pelos antepassados ao nível das gerações.

Sekessela/Thekwa é uma mata *sagrada* onde se realizam as cerimónias de pedido de chuva e outras relacionadas com a tradição local, em coordenação com o régulo, líder e pessoas conhecedoras da história sobre a maneira como deve ser efectuado determinado ritual.

A mata *sagrada* **Sekessela**, surgiu devido à morte de um dos velhos Muthinhas, um velho com poder mágico e que gostava muito daquela zona do alto mar. Antes de morrer pediu aos familiares para que não lhe enterrassem, mas lhe pusessem num caixão tradicional feito de capim e esteiras, que depois de embrulhado, o corpo deveria se deitar na água do mar onde houvesse facilidade de ser puxado pela corrente até à zona de preferência. Chegado ao destino, foi cuspidado pelas ondas do mar para as margens e com acção do vento, a areia das margens taparia a urna. Passados alguns anos, o caixão teria sido descoberto por um grupo de crianças que iam à praia para cuidarem dos irmãos mais novos, enquanto as mães pescam *mandombe* (espécie de mariscos).

Durante as brincadeiras, uma das crianças de nome “Mundongue” caiu no sítio onde estava a urna, tendo desmaiado por alguns minutos sob o poder de espírito dos antepassados, onde inconscientemente pronunciou algumas palavras, exigindo a construção da casa para espíritos e que qualquer cerimónia tradicional de pedido de chuva ou relacionada com a tradição local deveria ser reconhecida pelos *Muthinhas*, através de *muphacho*, devendo levar para aquela mata *sagrada*, canoas de comida e bebidas para as devidas cerimónias. É assim que esta mata *sagrada* ficou conhecida por **Sekessela/Thekwa**.



Fig.10: Entrevista dirigida a um casal residente próximo de Sekessela.

Lumula, termo ndau (língua local) que traduzido em Português significa desmamentar, é uma região localizada no povoado de Matique a extremo Este da actual Vila de Nova-Mambone, local onde depois da migração da população da antiga região de Mambone ao povoado de Matique, devido o seu desaparecimento, um senhor de nome Lumula, junto de outros anciãos locais, decidiram abrir um poço que servia para medir o nível das águas/ quantidade pluviométrica para as épocas subsequentes.

Segundo as nossas fontes, no local, habitavam várias espécies de serpentes consideradas animais *sagrados* e *espirituais* e que não constituíam perigo para pessoas que se faziam ao local. O mais curioso ainda, é que para se fazer a limpeza do poço, os anciãos entravam, pegavam e retiravam antes as serpentes para o sol onde as mesmas reboavam à espera que terminassem com a limpaza para sua posterior devolução. De referir que a presença naquele local, era mediante obediência de regras tradicionais, que não deviam ser violadas por qualquer que quisesse lá se fazer, sob risco de acontecer algo estranho.

Para dar mais confiança e *fé* aos seus espíritos, seleccionava-se raparigas com a idade não sexual activa, as quais serviam de mandatárias para os demais, na realização das cerimónias, a exemplo de ir tirar água no poço aberto de Lumula, preparar bebidas e refeições da cerimónia, e era inadmissível o uso de água diferente da daquele poço, sob risco de não se concretizar a agenda da cerimónia.

Fomos dados a conhecer que outrora, nas imediações daquele local, não se permitia a implantação de casas, fazer necessidades biológicas, a prática de agricultura, pastagem de gado e outras acções que pudessem *assustar* os espíritos. A desobediência destas regras, causava situações maléficas, a exemplo de se encontrar uma cobra de grande dimensão no tecto da casa, a permanência no local, de alguém que fizesse necessidades, a morte repentina de gado pastado no local.

Actualmente, devido às mudanças climáticas e efeitos de calamidades naturais (cheias ou inundações), o referido poço detém características diferentes da contemporaneidade: seco, sem frequência de serpentes, nem existência de mitologias e traços de tradição.

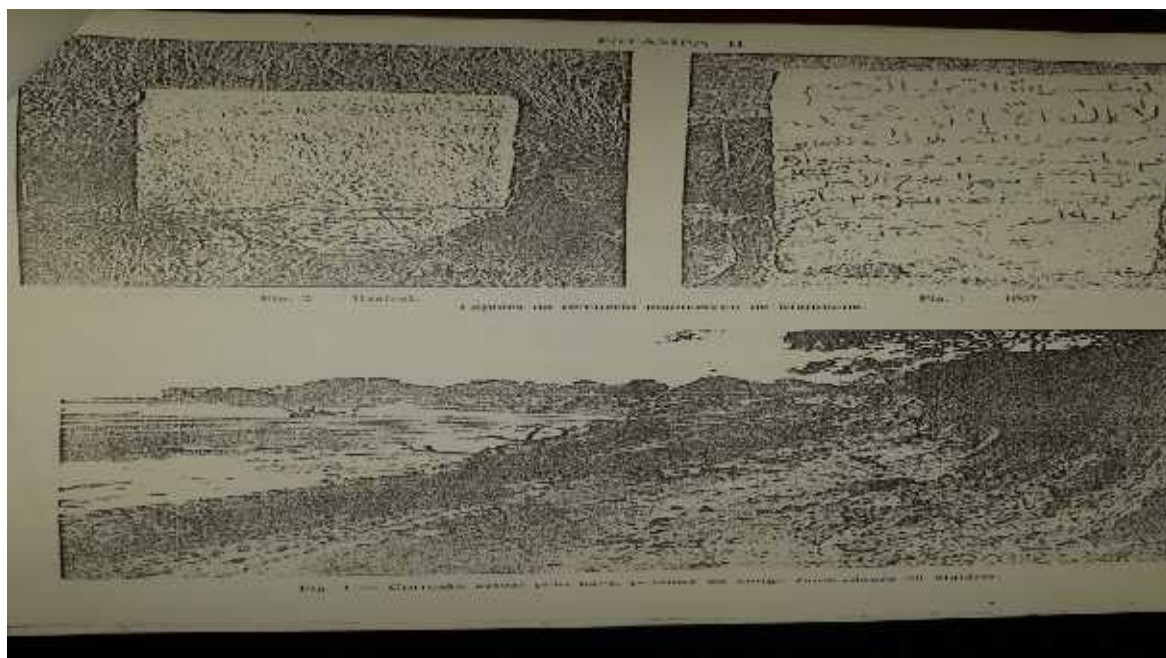


Fig. 11: A figura ilustra local tradicional de Lumula onde houve uma conversa com os anciãos

3.3. Cemitério dos ndau

Desde os primórdios, sempre houve necessidade de se distinguir a tradição, de outras manifestações culturais dos povos, sendo que o objectivo era de levar até às mais gerações, o respeito pela sua dignidade, pelo próximo e pela cultura dos povos da região.

A maca feita de paus, palhas e ou sacos, é um objecto sem muita história que merece apenas uma discrição, usada no funeral para levar o corpo à sepultura, de modo a evitar o contacto imediato do corpo com argila. É de fácil fabrico e não carece custos para famílias enlutadas.

Os nativos desta região até hoje, ainda acreditam nas crenças, mitos e outros hábitos tradicionais deixados por seus antepassados, como se sabe, por força tradicional mesmo, existem alguns cemitérios que inibem os enterros de corpos dentro do caixão, posições distintas ao enterrar corpos, entre outros hábitos com simbolismos tradicionais. Face a esta matéria, apuramos que muitas crenças eram usadas para defender interesses de certas tribos, famílias e ou apelidos para o seu reconhecimento na tomada de suas decisões perante as outras comunidades.

Por essa razão, alguns hábitos locais quando desobedecidos, surgem *mistérios* como testemunho da prevalência ou existência da tradição, por exemplo: aparecimento de abelhas em pleno momento do funeral, a demolição da cova antes da sepultura do corpo, aparecimento repentino de um animal estranho, entre outros sinais. Para sua preservação e reconhecimento, as populações devem antes de mais, pedir autorização aos espíritos dos antepassados para a realização de funerais.



Fig.12: Momento de homenagem ao falecido pela família



Fig. 13: Uma maca tradicional que se usa para levar o cadáver à sepultura.

3.4. Construções típicas de Mambone

Segundo o que a tradição nos revela, Mambone desde os primórdios teve um modelo de casas típicas: redondas, cobertas de capim, maticadas de matope e geralmente, contém duas entradas, uma para mulheres e outra para homens; dois quartos laterais, uma cozinha (*gutu-gutu*), local que para além de cozinha, serve igualmente para armazenamento de cereais e um pelos pais. Cada quarto possui uma porta exterior sem comunicação com os restantes compartimentos. Segundo as fontes inquiridas pela nossa equipe, deram-nos a conhecer que esta estrutura era um sinal de respeito por um lado e por outro, garantia a privacidade das famílias. Importa ainda referir que este modelo de casas na região, é usado até aos nossos dias. Sabe-se ainda que outrora, antes da chegada dos portugueses, existiram em algumas regiões de Mambone, casas deste tipo (redondas), sobretudo nos locais onde se afixaram os povos árabes, ao que deduz-se que este modelo seja de origem asiática.

Na construção de casas redondas, a vizinhança e pessoas de bom gesto entre mulheres, homens, crianças e até os mais velhos, juntavam-se e em um dia conseguiam erguer a casa sem qualquer remuneração. No fim dos trabalhos e ou depois de um tempo, o dono da casa preparava bebida de mapira, arroz recém-ceifado da machamba familiar, carne, habitualmente de galinha e solicitava aos que deram a sua mão para os agradecerem, aí todos bebiam, comiam e dançavam, e os alimentos eram confeccionados em panelas de barro e com especial atenção ao mestre da obra e seu ajudante que lhes eram reservadas uma parte de comida para depois do convívio com a maioria.



Fig. 14: Construções típicas de Mambone

3.5. Medicina Tradicional

Segundo **Manuel Ndango Muchimbane**, natural de Nova-Mambone e residente no povoado de Jenga - vila de Nova-Mambone, de aproximadamente 80 anos de idade e praticante da medicina tradicional desde sua juventude, que prestou o mesmo serviço por um determinado tempo na província de Sofala; na sua explicação, define a medicina tradicional como uma

crença do povo de Mambone, na medida em que a mesma, ajuda-lhes a ultrapassar várias enfermidades.

Para Muchimbane, há uma relação entre tratamento hospitalar e tradicional, visto que, pessoas padecendo de certas doenças que o hospital pode detectar, vezes há em que o hospital só pode diagnosticá-las depois da acção dos praticantes de medicina tradicional, sendo necessário submeter o paciente, primeiro no tratamento tradicional, vulgo *ku femba*.

O Muchimbane lamentou a atitude de alguns praticantes da medicina tradicional que tratam pessoas contra outras, com intenção de tirar-lhes a vida, actos que nos últimos dias já não acontecem em Mambone, pois trata-se de um comportamento que incentiva ódio e brigas no seio das famílias e das comunidades, e devido a isso, seus praticantes tiveram dificuldades de traspasar a actividade a seus descendentes porque estes viam-se perigar a sua reputação ao nível local porque eram considerados semeadores de mortes nas famílias.

Por outro lado, esta prática de tirar a vida de pessoas resultante de um tratamento tradicional é acompanhada de insegurança polos próprios autores, para além de consequências nas famílias como mortalidade, infertilidade ou deficiências fatais ao nascer.

Este curandeiro ou praticante da medicina tradicional explicou que na sua actividade usa raízes que combinadas têm a capacidade de curar várias doenças. Segundo ele, apesar de alguns dos seus colegas da área terem procedimentos não correctos como alguns factos ora mencionados, mas o papel principal da medicina tradicional é ajudar as pessoas que não encontram tratamento hospitalar imediato ou que mesmo tendo contacto com hospital mas que o diagnóstico não tenha tido sucessos, aí a medicina tradicional tem sido o recurso para os pacientes.



Fig. 15: Actividade de medicina tradicional e raízes usadas para tratamento de doenças.

3.6. Economia de Mambone

De acordo com dados do Instituto Nacional de Estatística (INAE), nos últimos dias há uma explosão demográfica que regista um aumento significativo da população estimada em cerca de 24 mil habitantes provenientes dos 17 povoados ou bairros, nomeadamente: Maluvane, Mahave, Km 18, Jenga, Mananga, Mucumbudje, Chimunda, Mataula, Gondo, Macomba, Mussassa, Batata, Nasso, Josina Machel, Matique, Mussanga e Matasse.

Desde a era primitiva, a população de Mambone dedica-se como principais actividades para a sua sobrevivência a agricultura, a pecuária, a pesca, indústria, comércio e turismo. Em relação a pesca, fomos dados a conhecer que há série de factores que contribuem para fraca produção pesqueira nos últimos anos, associados à estiagem, corte ilegal de mangais, pesca nociva e questões de ordem natural (mudanças climáticas) que tornam as ondas do mar agitadas, provocando demolições de algumas ilhas onde os pescadores desenvolvem as suas actividades.



Fig.16: Alguns produtos provenientes das actividades económica de Mambone

3.7. Gastronomia

Mambone, é uma região com enormes potencialidades gastronómicas que garantem a sobrevivência da população local. Não obstante situações adversas que a região tem enfrentado devido aos desastres naturais, as populações não poupam seus esforços na variedade de pratos como xima de milho, de mapira, amêijoa, peixe, caranguejo, *mupirichiri*, *dividje*, *mandombe*, *choa*, *derere*, camarão, abóbora, feijão-verde, entre outros, conforme as imagens a seguir.

3.8. Cultura

Existem duas expressões culturais que caracterizam a região do Mambone a saber: **Mandique**: uma dança *misteriosa* cujos praticantes têm *o poder* de encarnar espíritos dos antepassados e explicar aos demais sobre exigências que devem ser cumpridas para *o bem* das famílias locais.

Mateca: apresentada nas cerimónias rituais do regulado como «Mbamba», para além de outras expressões e manifestações artísticas como *Mandoa*, *Ndocodho*, *Cateco*, *Xiquema*, *Semba*, *Bonhane*, *Massessa* e *Mukapa* que são mais para ocasiões festivas ou de celebrações. Se quisermos comparar aos nossos dias, muitas destas expressões culturais, diferem-se das actuais no contexto da sua valorização e manifestação, facto que leva a sua extinção em algumas zonas da região.



Fig. 8: Dança de xigubo

3.9. A religião

Como sabemos, a palavra religião, provém do latim «**Religio**», que designa conjunto de crenças ou dogmas relacionados com a divindade a saber: sentimentos de veneração e de obediência a Deus ou deuses, normas morais para a conduta individual e social, práticas rituais, como oração e sacrifício, entre outras manifestações do poder divino.

Na nossa sociedade, as igrejas têm um papel fundamental na consciencialização da humanidade, mediação de conflitos, desanuviar a prática de atitudes estranhas perante a sociedade humana, unir povos, entre outros princípios que igualmente deram luz aos povos na pacificação das nações para conquista de independência paz e harmonia social.

Em Mambone, antes da independência Nacional, a doutrina era participada duma forma secreta pelos nativos da região, pois era considerada pelos portugueses a razão de protesto contra a sua presença no local, assim sendo, eram obrigados a seguir a doutrina portuguesa e sancionados os que eram encontrados a celebrar missas a favor da raça negra na região.

Porque o povo carecia de ver a liberdade devolvida aos respetivos donos, não descartaram a ansiedade de ver a sua pátria livre de opressão colonial portuguesa, pois intensificou-se a formação de vários centros de doutrinas juntamente com o distrito vizinho de Machanga, onde a palavra de ordem era “rezar a Deus para a conquista da independência do povo”.



Fig.18: Igreja Católica de Nova-Mambone

Na região de Mambone, no período pós independência, várias igrejas emergiram juntando-se a mais outras que através das doutrinas venceram a dominação portuguesa em Moçambique e

que até aos nossos dias ainda desenvolvem as suas actividades na região. Em Nova-Mambone existem as seguintes Igrejas, incluindo suas ramificações: Católica Romana, Evangélica Assembleia de Deus de Moçambique, De Cristo Unida em Moçambique (Ex Missão *American Board*), Assembleia de Deus Internacional, Adventista do Sétimo Dia, Velha Apostólica em Moçambique, De Cristo Unida American Board, União Baptista, Fé dos Apostólicos, Ministério dos Embaixadores de Cristo Internacional, África Jerusalém em Moçambique, Metodista Unida em Moçambique, *Zione Cristion Charch*, Universal do Reino de Deus, e Assembleia de Deus africana.

3.10. Antigas autoridades tradicionais de Mambone

3.10.1. Régulo Jenga

Um grande caçador das terras de Moribane, chamado Macoco, andava caçando elefantes em Sofala, quando ouviu que um povo da margem do Save, terras de Machacame, estava abandonando seus lares por causa de ameaças de manadas de elefantes e devastação de suas culturas e tornar-lhes a vida impossível naquelas paragens, este, desceu para o Save e ofereceu os seus serviços ao Régulo Machacame que acolheu com agrado a iniciativa de tal forma que desejou ver o caçador fixado nos seus domínios, e em agradecimento, lhe deu em casamento uma das suas filhas, Inhatarga e ofereceu-lhe todas as terras que são hoje de Matique e Jenga.

3.10.2. Régulo Matique

Foi usurpado ao Jenga por um moleque de um comerciante branco chamado Carvalho, que veio de Quelimane para comprar marfim e que foi morto por Manicusse, tendo o moleque se escapado da morte por ter-se refugiado nas terras do Muthinha (chefe das terras), numa ilha para que Manicusse não o encontrasse. Deste modo, o Muthinha deixou-se influenciar por ele de tal forma que com o dinheiro do lobolo de uma filha, fosse a Gaza convencer o Manicusse que o régulo Jenga conspirava contra ele.

Manicusse, mandou força punitiva que matou Macoco e sua mulher Inhatarga, filha de Machacame e deu parte das terras do Jenga a esse moleque de Quelimane, fazendo-o régulo e tornado Muthinha seu cabo. Os filhos de Macoco, foram poupados a morte e o mais velho Madjimandondo, que traduzido em língua local significa “apagar estrelas” foi constituído régulo da pequena porção de terra que hoje constitui o régulo Jenga.

3.11. Figuras políticas que dirigiram o distrito de Govuro antes da Independência

1º - Massitela Chibamo que trabalhou na ilha de Bartolomeu Dias e que durante o seu mandato granjeou muita simpatia com a população local.

2º - Mavambo Massacamo, este transferiu a sede de Bartolomeu Dias para Nova-Mambone. Foi cruel nos métodos usados para a cobrança de impostos, que consistiam na aplicação de palmatórias aos devedores.

3º - Dique Mainequa Jenga, que durante o seu mandato foi muito sensível aos problemas das comunidades, tendo por isso conquistado muita simpatia com as populações locais.

4º - Capitão José Xavier, o seu mandato teve lugar de 1938 a 1942, altura do fim das companhias de Moçambique e de Búzi e início do poder do governo colonial. No final do seu mandato, este cometeu muita crueldade, maltrato pessoas sem justa causa.

5º - António Joaquim de Jesus Colaço, trabalhou cerca de 11 anos, foi grande amigo do Régulo Matique e foi durante o seu mandato que se construiu o actual edifício do Governo Distrital.

6º - Chambica, que pela sua crueldade, o seu mandato teve pouca duração, tendo provocado medo e pânico às populações, devido à deportação de pessoas como, escravos para São Tomé e Príncipe.

7º - Simões, que teve como alcunha “**Mucuchuane**”, este teve bom relacionamento com os régulos e conseguiu alternar a situação da crueldade e ameaça sujeitas às populações por outros governantes.

8º - Machuase, termo pejorativo em língua local e considerado ladrão por desvio de valores cobrados nos impostos, multas e outras cobranças, obstruindo o programa de construção da estrada Maluvane – Mambone.

9º - Zimaima, que significa indivíduo que não para no mesmo local. O mandato deste conheceu momentos de desenvolvimento sócio-económico, pois conseguiu distribuir terras às populações para combater a fome nas zonas de Colonato, Chimunda e Mahave. Foi no seu mandato que se construiu a então cadeia distrital de Govuro e o cercado de arrame na zona de pasto.

10º - Ribeiro, durante o seu mandato, teve boa colaboração com os régulos, na auscultação das populações.

11º - Joaquim de Fonseca Marques, deu continuidade dos projectos feitos pelos anteriores governantes e assistiu o fim do governo colonial.

3.12. Administradores que dirigiram o distrito depois da Independência Nacional

- 1º Sebastião Dengo;
- 2º Ricardo Gueze;
- 3º Artur Ussene Canana;
- 4º Lourenço António da Silva Maculi;
- 5º José Jasse;
- 6º José Bata;
- 7º Afonso Francisco Massingue;
- 8º Joaquim Luís Meque;
- 9º António Domingos Mapure;
- 10º Estêvão Bonifácio Mabote;
- 11º Alberto Francisco Chapila;
- 12º Daly Assumane Kumanda e
- 13º Azarias Xavier.

Conclusão

Os três momentos que o tempo nos proporciona para marcar as nossas vivências, quer na vida individual, quer na vida colectiva, constituem elementos básicos para reconstituirmos o nosso passado, construirmos o presente e projectarmos o futuro. E quando os factos do desenrolar das diferentes vivências da humanidade forem documentados e conservados, podem constituir base de dados que corporizem uma informação para gerações de diferentes eras, daí que cada pessoa ou comunidade linguística, ou seja, cada povo tem a sua história.

Nesta brochura do historial de Mambone, estão referenciados aspectos **sociolinguísticos, culturais, económicos e políticos** que na sua globalidade constituem a identidade de um povo, onde a preservação dos hábitos e costumes locais da região têm sido o desafio para as autoridades de Mambone garantirem a sua hegemonia e identidade, aliás teria sido um dos motivos de contestação do historial da região nas edições anteriores, a falta de depoimentos convincentes a respeito de Mambone, facto que nos levou a fazer mais uma incursão local para resgatar a “real história” de Mambone, através de singulares que de forma humilde mostraram-se conhecedores da matéria sobre vivências da época e colaboraram para a nossa redacção.

Como pode ter percebido, o historial da região de Mambone como uma etnia ou povo, conforme informações que nos foram facultadas pelos nossos inquiridos na fase da recolha de dados, há evidências de existência da primitiva Mambone, povos nela habitados, suas vivências; a decadência dessa região até ao surgimento de Nova-Mambone.

Em suma, acredita-se que com um pouco de profundidade nas nossas relações humanas e abertura verbal entre as pessoas, independentemente de seus extratos sociais, origem ou etnia, pode-se resgatar a história de um povo, ainda que tal se mostre eminente pelas gerações contemporâneas; e tratando-se pois da história de um povo, consideramos ser um produto ainda não acabado, ao que esperamos por isso, uma contribuição ou enriquecimento dos temas constantes desta brochura com o propósito de que o mesmo historial sirva de pista por onde se pode encontrar mais factos que consolidem cada vez mais a história de Mambone.